

PROCESSOS FORMATIVOS E FOMENTO DAS PRÁTICAS EMPREENDEDORAS: COMUNIDADE PESQUEIRA DO QUILOMBO DE CONCEIÇÃO DE SALINAS¹

TRAINING PROCESSES AND FOSTERING ENTREPRENEURIAL PRACTICES: QUILOMBO FISHERY COMMUNITY OF CONCEIÇÃO DE SALINAS

Euclides Victorino Silva Afonso*

Delson Teixeira*

Rubens dos Santos Celestino*

1

DOI: <https://doi.org/10.22481/sertanias.v4i1.12707>

Resumo: O presente artigo busca apresentar uma descrição crítica sobre os processos históricos formativos na comunidade pesqueira do Quilombo de Conceição de Salinas, a qual possui características territoriais com técnicas ancestrais que evidenciam as potencialidades empreendedoras do capital natural e vegetal contidos nas práticas de identidades da territorialidade local. O eixo central deste artigo consiste em descrever e analisar as relações entre saberes e boas práticas da arte empreendedora contidas nos saberes comunitários. Formula-se, então, iniciativas vivenciadas com base nas demandas concretas deste quilombo. O objetivo principal do artigo é apresentar uma descrição crítica das experiências empreendedoras fundamentadas na história local indicando a ampliação da valorização das atividades vinculadas às práticas fomentadas na territorialidade local.

¹ O artigo foi elaborado a partir das discussões em sala na disciplina “Estudos de Comunidades Negras Rurais” do Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas da Universidade do Recôncavo da Bahia (UFRB-CAHL). O texto foi pensado a partir de propostas de pesquisas individuais, assim como dos debates que envolveram as nossas formações em áreas de atuação: História, Educação e Empreendedorismo. Esteve sob orientação da professora Doutora Rosy de Oliveira, Docente do Programa do Programa de Pós Graduação História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas da Universidade do Recôncavo da Bahia (UFRB-CAHL).

*Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas (UFRB). Graduação em História e em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Especialista em Estudos Africanos pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB-ALAGOINHAS). E-mail: euclidesafonso96@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5935-1006>

* Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas (UFRB-CAHL). Graduado em Economia pela Faculdades Polifucs. Especialista em Docência da Educação Profissional pelo SENAC São Paulo. Especialista em Educação Empreendedora pela PUC Rio e Sebrae Nacional. E-mail: delson Teixeira.dt@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1511-2817>

* Possui graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal da Bahia e Licenciatura Plena em História pela Faculdade de Ciências da Bahia. Especialista em: Gestão e Coordenação Escolar; Artes e Educação; História e Cultura Afro-Brasileira. É Mestre em Artes pela ProfArtes/UFBA. Doutorando em Artes Cênicas - PPGAC/UFBA. Doutor Honoris Causa pela Ordem dos Capelães do Brasil. Professor da Educação Básica (anos Iniciais) das Redes Públicas de Ensino das cidades do Salvador e de São Francisco do Conde. rubensquilombola@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-0261-8914>



Palavras-Chave: Quilombo de Conceição de Salinas, Empreendedorismo, Arte.

Abstract: The purpose of this article is to provide a critical description of the historical formation processes in the community of Quilombo de Conceição de Salinas, which has territorial characteristics and ancestral farming techniques that reveal the entrepreneurial potential of the natural and agricultural capital embedded in local practices. The main focus of this article is to describe and analyze the connections between collectively held knowledge and good entrepreneurial practices. Then initiatives that are based on the specific demands of this quilombo are created. The main goal of this article is to give a critical description of entrepreneurial experiences rooted in local history that highlights the expansion of the value placed on activities related to local practices.

Keywords: Quilombo de Conceição de Salinas, Entrepreneurship, Art.

Caracterização das comunidades quilombolas

Desde as últimas décadas do século XX vem se ampliando as discussões acerca da demarcação e regularização das terras quilombolas, tanto por parte dos integrantes das comunidades quanto também da parte da militância do movimento negro que reivindicam o reconhecimento dos territórios quilombolas como uma reparação histórica dos erros do Estado cometidos no passado escravocrata. Nesse sentido, a militância dos movimentos negros e quilombolas permanecem lutando por reconhecimento da legitimidade histórica, social, política e cultural da segurança, proteção e garantia dos direitos dos territórios quilombolas. É nesse sentido que a promulgação da Constituição Federal de 1988, no contexto da redemocratização do Brasil, estabelece em seu Artigo 68 das Disposições Constitucionais Transitórias que: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”.

Diante do que traz esse artigo, apesar do importante avanço sociopolítico da Constituição Federal, discussões atuais têm questionado a concepção de cunho histórico de “remanescentes das comunidades dos quilombos”, uma vez que “desqualifica essas formações enquanto um processo (já que remanescentes sugere sobra, resto de algo) que incorporou, ao longo da história, as mudanças internas e externas a cada formação” (SILVA, 1999, p. 14).

Segundo Valdério Santos Silva (1999):

A literatura antropológica recente tem buscado uma conceituação mais apropriada para o conhecimento desses grupos. Neuza Gusmão, por exemplo, sugere a denominação de quilombos modernos, por considerar que as “possíveis origens das chamadas terras de preto envolvem terras conquistadas,



os quilombos, terras doadas ou obtidas em pagamentos por prestação de serviços [a particulares e] ao Estado como também resultam da compra ou simples ocupação de áreas devolutas em diferentes momentos da história nacional” (p. 14).

Dessa maneira, o dispositivo legal instituído pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, através do Decreto nº 4.887/03, em seu Artigo 2º, apresenta um conceito mais amplo acerca do território quilombola:

Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida (1997, p. 1).

O uso comum de um território tradicional como comunidade quilombola², apesar de estar sujeita a influências externas, a sua fundação é baseada nos princípios de grupo de camponês, no controle relativo do território e seus recursos, ditando as regras específicas para seu uso. A unidade produtiva e reprodutiva das comunidades são suas famílias que podem se configurar de forma diferente em cada grupo³. São as famílias com autonomia camponesa no processo de produção, e o que assegura os direitos dessas famílias é o trabalho realizado por seus membros em condições específicas e em porções territoriais, de acordo com as regras tradicionais. Esse direito é exercido por elas por meio de seu trabalho, numa combinação entre a apropriação privada e pública do território e seus recursos⁴.

Esses grupos sociais, segundo a professora Nilma Lino Gomes (2017), estão atuando como líderes políticos para a emancipação social, pelas suas sobrevivências e continuam sendo ferramentas poderosas criadas pela própria população negra brasileira para preservar suas tradições e cultura para manter as políticas públicas como um direito. Atuam como pedagogos nas relações político-sociais, nos aspectos culturais pela sua própria sobrevivência, buscam

² Os quilombolas encontram-se resguardados num normativo, que atende aos critérios elencados para serem caracterizados de comunidades tradicionais, de acordo com o Artigo 2º do Decreto 4.887/2003. Este artigo considera os remanescentes das comunidades dos quilombos, grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição, são grupos com uma trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.

³ Regularização de Território quilombola. 2017. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Disponível em: https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/governanca-fundiaria/perguntas_respostas.pdf Acesso: 28.05.2022.

⁴ Ibidem, 2017.



viabilizar a luta e a resistência de suas gerações. Muito do conhecimento emancipatório produzido pela sociologia, antropologia e educação no Brasil deve-se ao papel educativo desempenhado desses movimentos, que indagam cada vez mais o conhecimento científico (GOMES, 2017).

Os movimentos negros, pautados pela desconstrução dos efeitos da colonização das teorias de diversas áreas das ciências humanas, revelaram o “valor epistêmico” das teorias veladas pelo racismo, explicitaram os processos que atuam na manutenção das desigualdades, da intolerância religiosa e da discriminação. Nesse aspecto, novas epistemologias permitem compreender os grupos étnicos também classificados de comunidades quilombolas como protagonistas das trajetórias de identidades coletivas de seus territórios quilombolas.

Simbolicamente, os quilombos representavam táticas de resistência da luta contra a exploração. Eles buscavam liberdade e uma vida digna enquanto rejeitavam um modo de vida cruel. Nesse processo, resgataram sua cultura e modo de vida, o que ajudou a moldar a cultura afro-brasileira. Esta história começou em 1549 com a chegada dos primeiros navios que transportavam gente da África.

A história do negro no Brasil confunde-se e se identifica com a formação da própria nação brasileira, acompanha a sua evolução histórica e social. Os negros africanos e os seus descendentes contribuíram com todos aqueles ingredientes que dinamizaram o trabalho durante quatro séculos de exploração e da escravidão⁵. Em todas as áreas do Brasil construíram legados, a exemplo na área da economia e no seu desenvolvimento, mas foram sumariamente excluídos da divisão dessa riqueza (MAURA, 1992, p. 9-10).

O quilombo surge como aquele módulo de resistência mais representativo quer pela sua quantidade, quer pela sua continuidade histórica. Estabelece uma fronteira social, cultural e militar contra o sistema que oprimia as populações negras, se constituía numa unidade permanente e mais ou menos estável na proporção em que as forças repressivas agiam menos ou mais ativamente contra ele. Dessa forma, o quilombo é um centro organizacional de vida e sobrevivência. É uma das mais diversas formas de organização do povo brasileiro formuladas de pensamentos, estratégias e concepções diferentes e conjunturas.

⁵ Esses grupos conhecidos de comunidades remanescentes de “quilombos”, “quilombolas”, “comunidades negras rurais” são constituídos pelos descendentes de escravizados negros, foi no processo de resistência à escravidão, que originaram grupos sociais que ocupam um território comum, compartilham características culturais e experiências de vida.



Nesse sentido, o *Quilombolismo* foi uma das visões para se organizar e distribuir a riqueza no Brasil entre negros e negras⁶. A contribuição do povo negro no desenvolvimento do Brasil não se limitou apenas no seu trabalho, na cultura que se formou aqui, eles plasmaram os seus padrões culturais de acordo com as necessidades (MOURA, 1992). No continente americano, trouxeram uma série de conhecimentos, na mineração, plantação, construção, metalurgia, além de hábitos, idiomas e outras contribuições. Seus territórios “ancestrais” mantém suas culturas e os *Direitos da Mãe Terra* que permitem a continuidade da vida humana.

No entanto, devido à exploração, hoje potencializada pelo discurso de empreendedorismo, estão cada vez mais subjugados à lógica do capital e do modo de vida moderno. Com isto, esses grupos procuram sempre se preservar, em grande parte, da opressão e do sistema escravista. Assim, reconhecer o potencial criativo e empreendedor do modo de vida quilombola, e empregar os talentos e conhecimentos para construir uma autonomia financeira é a melhor maneira de prosperar. Reconhecer o potencial empreendedor dessas comunidades é criar e transformar realidade e a preservação de identidades, “suas práticas de construção da visibilidade da cultura popular” (ANDRADE, 2018, p. 16).

A partir dessa perspectiva, o território das comunidades quilombolas é concebido e reconhecido como uns lócus de expressivas potencialidades sociais, políticas, cosmológicas, ambientais e culturais. Nesse sentido, o presente artigo traz à tona a partir da pesquisa bibliográfica aliada à pesquisa de campo, uma reflexão crítica sobre o potencial empreendedor da comunidade quilombola pesqueira Conceição de Salinas, entendendo assim, essa potência como um viés de fortalecimento e salvaguarda do modo de vida local e da relação sociocultural entre e com as pessoas que ocupam esse espaço, principalmente no que diz respeito ao uso dos recursos naturais.

Com isso, faz-se necessário pontuar que o quilombo pesqueiro Conceição de Salinas é um distrito do município de Salinas da Margarida, localizado na Ilha de Itaparica na Bahia. Trata-se de uma comunidade formada historicamente por pescadores, marisqueiras e lavradores. Nesse contexto, os mariscos, peixes e demais frutos do mar são basilares para o

⁶ Para ampliar a noção do Estado Nacional Quilombista ou Quilombismo ver: SILVA, M. G. Educação e Luta Política no Quilombo de Conceição das Crioulas. 2016.



sustento das famílias, aspecto que traz para esse artigo um precioso fio condutor para pensar as possibilidades empreendedores da população local.

Empreendedorismo: concepções e desafios

O empreendedorismo assume novas perspectivas práticas de caráter conceitual que se faz necessário ampliar a visão de sua aplicabilidade em contextos atuais, sobretudo no que tange à usabilidade pelas comunidades rurais, tradicionais e negras. A comunidade pesqueira e quilombola de Conceição de Salinas apresenta um perfil multifacetado na arte de empreender.

Desde a década de 1980 a professora Sandra Korman afirma que o empreendedorismo passou a ganhar atenção de outros campos do saber, para além dos econômicos e administrativos, dentre os quais cita: ciências políticas, estudos culturais e educação (ZARDO, 2016, p. 37).

Produzir ganhos reorganizando os recursos existentes cria conexões que vislumbram mais do que entendemos por montagem de negócios, como o conceito capital mercantilista nos apresenta, compactuando com a limitação conceitual do quilombo histórico. Assim como compreendemos, outrora, que quilombo era sinônimo de marginalidade, escravidão, e mazelas de um contexto escravocrata, precisamos reconfigurar o empreendedorismo abarcando as formas para além das econômicas meramente, mas as sociais, humanas que fomentam um despertar empreendedor ainda mais significativo.

Contudo, muitos são os desafios do empreendedorismo que muito mais do que conceitos, precisam ser apresentados como características contextuais em cada atuação. Um sistema articulado de forma sinérgica que possa orientar um processo virtuoso de desenvolvimento socioeconômico sustentável para qualquer território usando a inovação como eixo estratégico e fundamental.

As comunidades tradicionais assumem um perfil plural na circulação de possibilidades econômicas, na comunidade pesqueira e quilombola de Conceição de Salinas não é diferente, desde o surgimento da comunidade, por volta dos anos 1700⁸, observamos que até a senhora Conceição, a grande mulher escravizada, que liberta, investe na comunidade seus dotes e acúmulo de riquezas em tempo de serviço na escravidão, estrutura uma comunidade que assume





uma dimensão plural em produção ⁷e sustentabilidade no território. Diz Laufer (2016) nos apresentando a construção conceitual de empreendedorismo:

A abrangência dos conceitos do que é ser um empreendedor, também é focada; ou seja, ser empreendedor não se restringe ao “ato de ter uma empresa”; independentemente de ter sua própria empresa, ser empreendedor requer práticas e atitudes que possam fortalecer a tomada e análise de riscos, estar antenado com oportunidades apresentadas nos seus setores de atividades profissionais, entender e criar mecanismos de como tornar seus produtos ou serviços diferenciados e inovadores. Assim, é possível ser empreendedor em qualquer âmbito, profissional ou pessoal. Um dos aspectos mais importantes num empreendedor é sua capacidade e atitude de transformar seus conhecimentos individuais em conhecimentos coletivos (2016, p. 29).

7

Na arte de empreender, a atitude empreendedora assume um papel essencial para a definição do ser empreendedor. Conseguimos identificar estas atitudes no desenvolvimento de ações, novas propostas, soluções e empreendimentos de forma autônoma, dinâmica, criativa e com iniciativa, apresentando características fundamentais como: criatividade, inovação, autonomia, dinamismo, iniciativa e foco em resultados, em que na coletividade se articulam sistemas diferenciados e com competências e habilidades distintas para a produção de ganhos significativos na comunidade.

É clássico afirmar que o grande desafio do empreendedorismo sempre foi a falta de planejamento e a falta de preparo para se empreender. A formação empreendedora começa a ser pensada e estruturada, entretanto, as características e perfil empreendedor nunca deixaram de existir e são identificados de forma explícita na atuação de empreendedoras e empreendedores desde sempre.

Toda sociedade vive porque consome; e para consumir depende da produção. Isto é, do trabalho. Toda a sociedade vive porque cada geração nela cuida da formação da geração seguinte e lhe transmite algo da sua experiência, educação. Não há sociedade sem trabalho e sem educação (KONDER, 2000, p. 112).

Como já mencionado anteriormente, o Quilombo de Conceição é uma comunidade de protagonismo feminino, sendo elas as grandes artistas da maré e da vida. São mulheres que

⁷Conceição, mulher negra de posses, segundo Dona Ruth e Dona Silvinha, chegou à nossa região por volta de 1700 e mandou construir a Igreja de Nossa Senhora da Conceição. Foi e continua sendo a mulher mais poderosa do território. Ela, independentemente de ser pessoa ou entidade, é para além de si, todas nós. E mais, é a fazenda Conceição. É a comunidade/quilombo Conceição de Salinas. É entidade, Nossa Senhora da Conceição. É o nome da Igreja. É o nome da escola e sobrenome de muitas famílias. Conceição é a mulher que concebe a comunidade e sua história! (SACRAMENTO, 2021, p. 91).





desde os primórdios evidenciam a autonomia em cuidar de si e do outro numa engrenagem de promoção de ganhos singulares promovendo o desenvolvimento da comunidade.

Desenvolvimento é um processo dinâmico e complexo de mudanças e transformações de ordem econômica, política, cultural e principalmente, humana e social. Deve resultar do crescimento econômico que vem acompanhado pela melhoria da qualidade de vida, por meio da alocação de recursos pelos diferentes setores da economia, de forma a melhorar os indicadores de bem-estar econômico e social (pobreza, desemprego, desigualdade, condições de saúde, alimentação, educação e moradia) (VASCONCELOS; GARCIA, 1998).

8

Outrossim, o Quilombo, sendo uma comunidade pesqueira, sempre teve em seu desenvolvimento o cultivo de terras, plantio em roças e a manutenção da pesca artesanal que é atribuída num ciclo de coleta, captura, produção, comercialização, além de cuidar de toda logística para escoamento comercial. Pescadoras e pescadores também são agricultores, cultivadores de gados e ganhadeiras por trajetória histórica, assumindo características desafiadoras no empreender, compreendendo os ventos, a maré e os ciclos do saber tradicional para a manutenção da vida.

O território pesqueiro e quilombola é um território de terra-água, com espaços de usos comuns e coletivos utilizados por pescadoras/es e quilombolas, a fim de estabelecerem seus modos de vida, realizando extrativismo de pescados, frutos, folhas, raízes e cultos. Uma territorialidade exercida nos limites da Fazenda Conceição, Fazenda Santa Luzia e Fazenda Barra prioritariamente e para além dela (SACRAMENTO, 2021, p. 182).

Muitos são os desafios encontrados para se empreender em comunidades tradicionais e existem entre estes desafios contextos que precisam ser apresentados para que daí consigamos identificar as fragilidades e fortalezas que podem alicerçar ações que, aliadas aos recursos existentes, fomentem uma eficiência assertiva gerando resultados ainda mais exitosos. O contexto é justo, este conjunto de características, circunstâncias, tendências e fatos que ocorrem em uma determinada sociedade, comunidade, segmento e que produzem um encadeamento de mensagens, de forma a transmitir e permitir aos seus cidadãos uma correta compreensão de seus objetivos (LAUFER, 2016, p. 13).





No empreendedorismo conseguimos através da análise FOFA⁸ (Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças), ter um diagnóstico estratégico que auxilia na tomada de decisões, auxiliando no planejamento mais viável na implementação de ações para o desenvolvimento social e comunitário. Não obstante, quando esta ferramenta não é utilizada, assim como nenhuma outra que possibilite uma criticidade do contexto, limita os resultados fragilizando as adversidades encontradas na trajetória de desenvolvimento.



Os contextos internos e externos à comunidade indicam as ações a serem empreendidas com o objetivo de trazer retornos para além dos econômicos, mas também sociais à coletividade. Internamente, se busca compreender quais são as forças e fraquezas do território, conseguimos ainda compreender as questões microeconômicas que favorecem os conceitos de ciência social aplicada nesta análise. As questões macroeconômicas estão vinculadas à ambiência externa, buscando analisar oportunidades e ameaças que por vezes independem meramente da atuação comunitária.

⁸ A Matriz SWOT/FOFA surgiu nos Estados Unidos, na década de 1960, na Universidade de Stanford, com o nome de SWOT que, em inglês, é a sigla de Strength (força), Weakness (fraqueza), Opportunity (oportunidade), Threat (ameaça) e, em português, chama-se FOFA (abreviatura de Força, Oportunidade, Fraqueza, Ameaça) (LAUFER, 2016, p. 13).



Os desafios porventura encontrados nesta análise estratégica estão direcionados às fraquezas e ameaças, nomeadamente aquelas fraquezas que dependem da articulação e da frequência de mobilização contínua da própria comunidade para equacionar as demandas de soluções das adversidades do território de identidade quilombola pesqueira. Em outros termos, a articulação e mobilização da própria comunidade em solucionar as ameaças pautadas por questões política, socioeducativa ambiental e governamentais das instituições capazes de subsidiar a assertividade social demandada por parte das territorialidades das comunidades quilombolas. Enquanto as fraquezas dependem da articulação e mobilização da própria comunidade para equacionar, solucionar, nas ameaças é que mais se depuram as adversidades, onde estão pautadas as questões políticas, governamentais e demais instituições que subsidiam assertividade social.

Neste tocante, podemos ampliar o conceito de empreender como a forma de enxergar o mundo, o olhar que se tem sobre os desafios, a forma de conduzir a vida e suas perspectivas. Sendo necessário a construção de relações sólidas e resiliência frente a esses desafios, refletindo sobre suas ações, retroalimentando possibilidades, sendo empático, compreendendo dificuldades, enfrentando perdas e frustrações, não temer os riscos e ser criativo. Ora, essa definição nos remota um direcionar para diversas comunidades tradicionais que reconfiguram seus passos e avanços a cada nova adversidade encontrada e que na coletividade são sanadas, minimizadas e/ou superadas.

Empreender é muito mais uma forma de “ser” do que “ter ou fazer”. Os desafios sempre existirão, entretanto, é relevante gerir emoções, sendo um diferencial para os novos cenários para a vida. Como supracitado, falamos sobre a chegada da Educação Empreendedora, sendo uma educação libertária fomentando uma mentalidade empreendedora, ampliando reflexões para um novo estilo de vida. Devemos sair da esfera meramente da existência, mas para uma participação efetiva no existir.

O potencial produtivo das territorialidades pesqueiras da comunidade quilombola de Salinas se impõe como base de segurança alimentar de geração para geração engajada, envolvida na produção para o autoconsumo. Isso é produção para o autoconsumo, não mais para a subsistência, condição sine qua non para balizar as ações efetivas do território pesqueiro da comunidade tendo a proatividade como base natural fundamentada no ciclo da maré que norteia os movimentos, convidando os homens e mulheres das águas para a melhor extração



natural e mais oportuna para a sua sobrevivência. Em tempos de maré baixa, se marisca, em grandes marés, sai pelos costeiros em busca do cardume ofertado pelos ventos.

Esse processo de conhecimento criativo e inovador nos conduz a afirmar que a criatividade inerente à comunidade pesqueira do território quilombola de Conceição das Salinas está diretamente associada à história das boas práticas desenvolvidas e em desenvolvimento dentro do território. Por isso o conceito de inovação se aplica ao território quilombola porque esses sujeitos coletivos de direitos agregam ao que já existia, somando ao que já se fazia as suas ancestralidades e buscam, na contemporaneidade, novas eficiências culminando em eficácia real e simbólica.

Desta forma o Quilombo de Conceição simboliza a busca e o equacionamento das demandas do desenvolvimento da atitude potencializada pela proatividade criativa e inovadora inscritas na totalidade das esferas da vida constituída na história social deste território configurado em Quilombo Pesqueiro Conceição, no município de Salinas das Margaridas.

Possibilidades do Empreendedorismo no fortalecimento das comunidades quilombolas

As comunidades quilombolas são caracterizadas por suas riquezas diversas e, nesse sentido, desenvolver o potencial empreendedor é de eficiência incondicional. Não apenas por parâmetros meramente territoriais, mas pelas grandes possibilidades de confluir e oportunizar diversidade na arte de empreender, uma vez que é notória a relação produtiva da lavoura e da pesca que os/as quilombolas estabelecem nesse contexto.

Assim, a iniciativa de empreender favorece possibilidades humana, social, financeira e, quiçá, política para o fortalecimento da comunidade, oportunizando-a gerar lucros dentro e fora da localidade no que se refere a comercialização de vários produtos: peixes, mariscos, farinha de mandioca, aipim, frutas, verduras, hortaliças, artesanato, dentre outros.

O Quilombo Pesqueiro de Conceição de Salinas é um distrito do município de Salinas da Margarida que como nos escritos de Elionice (2019), poderíamos considerar ser chamado de Salinas de Conceição, devido à sua historicidade e conjuntura de composição enquanto cidade - A Margarida, como era chamada a localidade, era, em suma, um lugar sem nenhum valor, sem nenhuma importância (SACRAMENTO, 2021, p. 145).



O Quilombo apresenta números expressivos no que tange ao desenvolvimento local, em detrimento ao chamado Sede do município e os demais distritos adjacentes. Ainda assim, é no Quilombo Pesqueiro que conseguimos identificar o quanto não apenas os homens, mas principalmente as mulheres, são as grandes protagonistas da história.

A pesca artesanal perdura como a grande atividade econômica do quilombo, todo o processo de captura, trato, acondicionamento e comercialização ainda se dá em uma escala relevante. Contudo, a urbanização e a chegada das tecnologias diversas, recria uma dinâmica para geração da renda de subsistência que, ainda assim, não ultrapassa a principal atividade econômica do território. A utilidade marginal do território dá início ao processo de fomento às novas formas para além mar, terra, de gerar recursos para sobrevivência.

O Território Pesqueiro e Quilombola Conceição de Salinas é a comunidade com maior expressão pesqueira do município, conforme número de embarcações, quantidade e diversidade de pescados que diariamente chegam aos portos (Coroa do Garro, Praia Grande, Porta do Bar, Casa do Pescador, Tentem e Gravatá), talvez de todo Recôncavo e Baía de Todos os Santos se analisarmos o percentual de pessoas que efetivamente realizam as atividades da cadeia da pesca. Ganhadeiras, veranistas, atravessadores das comunidades vizinhas e do entorno, vêm comprar pescados em Conceição, sabem que a produção é farta e diversa (SACRAMENTO, 2021, p. 147).

É sabido das grandes potencialidades existentes com o derivado dos mariscos e capacidade artesã no Quilombo Conceição. Criar formas de estimular a criatividade, inovação, aproveitando todo potencial inventivo da comunidade deve ser a maior das estratégias para ampliar as práticas empreendedoras.

Já conseguimos compreender que o empreendedorismo oportuniza o desenvolvimento de características diversas naquele que deseja empreender. A forma como se organiza o território, que se estrutura nas formas de articulação e movimento local para captura, processo produtivo e comercialização, a capacidade múltipla das marisqueiras, marisqueiros, pescadoras e pescadores que se articulam com os lançamentos das marés, com a adaptação do tempo ao cultivo da terra apresenta perfil empreendedor condizente aos conceitos aqui apresentados.

É importante lembrar que existem dois momentos significativos quando tratamos do Quilombo Conceição: o primeiro, antes da certificação pela FCP (Fundação Cultural Palmares), sobre o reconhecimento da identidade quilombola e o segundo, pós certificação. A Associação dos Pescadores e Pescadoras Artesanais de Conceição de Salinas (APACS) foi a instituição que



promoveu esta articulação de reconhecimento do território, para além desta, existem ainda mais três organizações, sendo duas associações e uma cooperativa no Quilombo que se assemelham em atividades de assistência aos pescadoras e pescadores e seus familiares para acesso aos benefícios oportunizados.

A territorialidade específica da comunidade quilombola/pesqueira de Conceição de Salinas é orientada pela atividade de pesca, que também abrange as atividades de mariscagem. As atividades de agricultura, criação de animais de pequeno porte e extrativismo estão presentes e estão em relação com a atividade de pesca, tanto no que se refere a organização dos tempos de dedicação a cada atividade, como na importância para segurança alimentar e preservação ambiental. Os espaços físicos destinados para moradia e os de processamento dos produtos da pesca, agricultura e extrativismo, também se inserem nesta territorialidade, na qual os caminhos que ligam cada espaço são fundamentais no deslocamento dentro do território. Outras atividades conformam essa territorialidade, como as atividades religiosas e as atividades de lazer.⁹

As diversas e plurais formas de capitalizar renda no Quilombo Pesqueiro tem a necessidade de ser sistematizada de forma intencional, num processo de formação contínua entre as gerações. As tecnologias favorecem um processo de aprendizagem ainda mais significativo e prático, oportunizando o fomento de uma comercialização efetiva dos artefatos utilizados na pesca e as derivações diretamente relacionadas à pesca.

A prática de coser redes é milenar e é transmitida de pais para filhos, de geração em geração. Atualmente, além dessa prática, a construção de embarcações e artefatos para captura de pescados, como manzuá, entre outros, deve ser aprendido também para o aprimoramento produtivo, muito se tem a aprender com as inovações e invenções na pesca. Podemos ainda ampliar para os tratos para além do produto principal a ser comercializado, como por exemplo, as cascas dos mariscos coletados e que por vezes são dispensados ao descarte convencional, adornando os quintais, ruas em si e ainda criando peças artesanais que decoram espaços e ambientes.

Contudo, se faz necessário o desenvolvimento de iniciativas que oportunizem a valorização do trabalho artesão no território. Algumas ações desenvolvidas pela APACS e por

⁹ Boletim informativo “Conhecimentos tradicionais de Povos e Comunidades do nordeste do Brasil” (2022, p. 39). Por outro lado, os trabalhos não agrícolas, a venda da força de trabalho, a escolarização da nova geração, o número de membros de uma família, o deslocamento para outros centros urbanos são fatores que também incidem sobre a territorialidade de Conceição de Salinas.





outras organizações locais subsidiam este processo de aprendizagem, debruçando num processo possível de comercialização, para além dos pescados e mariscos.

As múltiplas formas apresentadas aqui para além desta atividade fundamental no Quilombo Pesqueiro, o êxodo educacional dos jovens na conciliação da vida de pesca e a formação académica tem oportunizado uma criticidade que aguça outras vertentes em potencial na comunidade. O respeito ao tempo da maré deve ser o grande norteador de qualquer planeamento estratégico de um território que tenha como balizador o comportamento da comunidade frente ao seu modo de vida e subsistência. Logo, respeitar a maré é mais do que devido, é fundamental à sobrevivência.

Considerações Finais

A compreensão acerca do conceito de território quilombola a partir do Decreto nº 4.887/03, instituído pelo INCRA, transcende o conceito de quilombo histórico e aponta para a existência de grupos étnico-raciais, autodeclarados quilombolas, os quais mantêm uma relação significativa de ancestralidade e memória com o seu território de identidade. Dessa maneira, há uma valorosa ressignificação da existência e resistência dessa população diante das discussões e amarras sociais racializadas que querem negar a existência de quilombos para além do espectro do quilombo histórico de Palmares.

Com isso, empreender nesse contexto quilombola é impulsionar as atividades produtivas das comunidades, sendo que esse artigo tomou como recorte de reflexão o quilombo Conceição de Salinas, uma vez que a iniciativa econômica que envolve diferentes etapas do empreendedorismo vislumbra uma efetiva e contínua relação entre as pessoas desse território no que se refere às suas potencialidades de subsistência da/na pesca e do/no marisco, e claro, dos outros vieses de produção, como a agricultura familiar e o artesanato. Em outras palavras, o empreendedorismo fomenta a economia local e, quiçá, regional, estimulando a criação de novas atividades produtivas no que diz respeito a vitalizarão de produtos e serviços.

Nesse sentido, o empreendedorismo possibilita novas perspectivas de desenvolvimento, o que, como já foi dito, amplia e fortalece a relação entre as pessoas da comunidade, as quais, diga-se de passagem, são pescadores, marisqueiras, quituteiras, lavradores, artesãos, etc. Assim,





a criação de cooperativas e pequenos comércios tornam-se vieses reais de geração de emprego e renda.

Referências

ANDRADE, R. G. P. **A Educação no Quilombo e os Saberes do Quilombo na Escola**. 1 Ed. Curitiba, Editora Appris. 2018.

Boletim informativo Conhecimentos tradicionais de Povos e Comunidades do nordeste do Brasil / **Relatório técnico da visita ao Território tradicionalmente ocupado pela Comunidade Pesqueira e Quilombola Conceição de Salinas** (Salinas da Margarida - BA) - N. 2 (Jan. 2022/Coord. da pesquisa: Franklin Plessmann de Carvalho, Crus das Almas: EDUFRB, 2022.

GOMES, N. L. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

INCRA. **Regularização de Território quilombola**. 2017. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Disponível em: https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/governanca-fundiaria/perguntas_respostas.pdf Acesso: 28.05.2022.

KONDER, Leandro. **A construção da proposta pedagógica do SESC Rio**. Rio de Janeiro: Editora SENAC, 2000.

KORMAN DIB, Sandra. **Desenvolvimento de negócios e carreiras empreendedoras**. Brasília, DF: SEBRAE; Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2016. 82p.

LAUFER, Alfredo. **Contextos empreendedores**. Brasília, DF: SEBRAE; Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2016. 58p.

MAURA, CLÓVIS. **História do Negro no Brasileiro**. 2 Edição. São Paulo: Editora Ática, 1992.

SACRAMENTO, Elionice Conceição. **Da Diáspora Negra ao Território de Terra e Águas**: ancestralidade e protagonismo de mulheres na Comunidade Pesqueira e Quilombola Conceição de Salinas-BA. 1. ed. - Curitiba: Appris, 2021.

SANTOS, Valdélcio Silva. Rio das rãs à luz da noção de quilombo. **Afro-Ásia**, nº 23, Centro de Estudos Afro-Orientais - Universidade Federal da Bahia, 1999.

SILVA, M. G. **Educação e Luta Política no Quilombo de Conceição das Crioulas**. Curitiba: Appris, 2016.

VASCONCELOS, M. A; GARCIA, M.E. **Fundamentos da Economia**. São Paulo: Saraiva, 1998.





Recebido: 31 de maio de 2023

Aprovado: 22 de dezembro de 2023



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

